

NOTAS DA QUINZENA

● Esteve, entre nós, o D. Hélder da Câmara — grande amigo do Senhor e dos mais abandonados. Nada e ninguém pode separar estes dois amores. Se um falta, falta o outro; se um está, o outro também.

«Quem ama de verdade e profundamente o Próximo, mesmo sem saber e até sem querer, já ama o Criador e Pai.»

D. Hélder cativa-nos em todos os seus passos e atitudes.

Pela sua entrega total aos Irmãos:

«Se não tiveres tábua a jogar nas águas sê, tu mesmo, tábua viva para os naufragos, teus irmãos.»

Pelo seu amor aos humildes:

«Quando o trabalho ensopar as roupas dos humildes, olha em torno e verá — como os anjos recolhem as gotas de suor — como se recolhessem brilhantes.»

Sua entrega — como menino nas mãos do Pai:

«Tenho a confiança de dizer-Te que uma das homenagens mais puras

que Te presto, é aceitar, a cada instante, não ver um palmo diante dos olhos.»

Depois, pelas lições de confiança e total audácia — no repartir do pão:

«Experimenta parti-lo sem previsão, sem cálculo, sem poupança como filho do Dono de todos os trigais do Mundo...»

Profeta do Senhor! Ele trouxe-nos a sua mensagem de amor e esperança. Assim nós sabemos ver e abrir-lhe o nosso coração.

Deliciamo-nos ainda com mais esta sua poesia — verdadeira página do Evangelho:

«De que pobres és Pai? Sem dúvida dos desamparados dos oprimidos,

sem vez e sem voz... Mas não esqueças outros tipos de pobreza: os pobres de amor, os pobres de sonhos, os pobres de fé e de esperança, os pobres de paz... Em Tua misericórdia infinita, envolve os mais pobres dos Pobres — os Pobres-ricos que se abraçam com sombras de poder e passam pela vida julgando viver intensamente sem de facto viver.»

● Sim, somos todos, de facto, pobres do Senhor. Todos, peregrinos que sofremos as agruras do caminho. Não é tanto a falta de pão, mais, a falta de amor e de sentido nessa caminhada. Ao Povo de Deus uma coluna de Fogo os iluminava! Continua, hoje, em nosso deserto a mesma coluna de Fogo vivo... Só que a maior parte dos homens fechou os seus olhos e coração à Luz. Ficaram pobres... Mais ainda, os que

Cont. na 2.ª pág.



Estes rapazes vieram ao mundo para serem felizes — e não o eram... Hoje, na Obra da Rua, serenos e em paz, brincam, trabalham, estudam; levam a vida normal de crianças que estão no que é seu.

SER FELIZ...

Outro dia, quando o Tribunal de Menores nos entregou o Fernando e o Telmo, ficámos impressionados. Não pela novidade do acontecimento, pois se dá muitas vezes, mas por um pormenor que não nos passou despercebido. Os pequenos têm 6 e 5 anos; uma

história igual à de tantos outros: pai desaparecido... e mãe que se vai... Ao recebê-los, por decisão do Juiz, eles se nos entregaram com tal serenidade, sem um gesto de recusa, sem uma lágrima de saudade do mundo que deixavam, como se fôssemos família de sangue!

São, de verdade, um amor de crianças! O Fernando já anda na Escola e o Telmo brinca como todas as crianças da sua idade.

Ser feliz... Estas crianças vieram ao mundo para serem felizes. Nasceram para ser felizes. Sim, senhor, todos nascemos para ser felizes. O Fernando e o Telmo, também. E não o eram. De contrário, seria normal chorar; fazer certa resistência; ter saudades da sua terra, ali, onde o rio Douro acaba e o mar começa; falar do pai e da mãe, etc. E nada disto aconteceu e acontece! Estão serenos, em paz, levando a vida normal de crianças que estão no que é seu.

Tudo isto nos faz pensar... Estes pormenores são pontos de referência que nos levam a um mundo onde se respirasse felicidade e só felicidade. Esse mundo tem um nome — Família — onde se entra pelo Matrimónio. União matrimonial, ponto alto do caminho normal de todo o ser humano. Matrimónio, Família, espaço original de felicidade, neste mundo. Tantas vezes não o é, meu Deus! Senhor do Céu e da Terra, que tudo fizeste bem feito para o homem ser feliz! Fizeste o Matrimónio, meu Deus! Fizeste

MAIS UM LIVRO DE PAI AMÉRICO

CANTINHO DOS RAPAZES

Brevemente, os Assinantes da nossa Editorial receberão, pelo correio, em suas casas, mais um livro de Pai Américo: CANTINHO DOS RAPAZES.

Em Nota da Editorial esclarecemos, logo no primeiro caderno do livro (com 192 páginas), que o CANTINHO DOS RAPAZES é uma recolha e selecção de textos publicados no O GALATICTO, do n.º 47 de 15 Dezembro de 1945 ao n.º 274 de 28 de Agosto de 1954. Mais um valioso espólio da acção pedagógica de Pai Américo, especialmente dedicado aos Rapazes, particularmente «aos

mais espigados — para servir de leitura espiritual». No seu discurso directo, profundo, incisivo — acrescentamos — Pai Américo adverte logo no princípio dessas páginas, actualíssimas, que «nunca é demais falar da doutrina da boa consciência, porque é precisamente nesta idade que cada um de vós (Rapazes) deve esforçar-se por achá-la dentro de si mesmo». E conclui: «Se o não fizerdes agora, é muito difícil que mais tarde o venhais a fazer».

Numa altura em que se perderam laços... que cingiam mais os pais aos filhos (e vice-

versa), sobretudo quando estes, naturalmente, sofrem «o cabo das tormentas», a palavra de Pai Américo — sempre actual! — é linha de rumo que os Rapazes entendem perfeitamente, desde que dispostos a ouvir a sua mensagem profética.

Agora, que o Padre Carlos já ordenou a recolha de todos os escritos de Pai Américo — ainda não publicados em obras de livro — darão mais de seis títulos e um mundo de Doutrina! — são horas sem fim

Cont. na 4.ª pág.

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Apesar de ser uma mulher jovem, não deixa a marca da Viuvez — no seu traje!

Aos olhos de certo mundo, dito evoluído, pode ser — é! — um comportamento anacrónico. Que importa!? Aquele negro discreto é um branco divino, espelho de duas almas que nem a morte separou. A Força do Grande Sacramento!

Esta mulher do povo (tantas!) encorou o seu estado de vida com serena dor e supre (algumas sabe Deus como...) a falta do marido com heroicidade.

— *Tenho de criar os meus filhos...*
O tempo do verbo (*«Tenho de criar...»*) é pronunciado com um leve sorriso de Esperança!

— ... *A pensão que o meu home deixou não chega a nada! Tenho de esgravatar!*

Esgravata bem, pois não vive só atida à permanente ajuda dos nossos Leitores:

— ... *Tenho de esgravatar bem: são as roupinhas que faço pràs confecções; são uns ditas de trabalho, num e noitro lado. É o galinho que crio: porcos, galinhas... O comer dos meus filhos!*

A mãe dela estava ao lado, *queimada por dura vida na criação dum bando de filhos. Limitada como é (mal sabe escrever o seu nome), tem sabido levar a missão até ao fim!*

— *Vai casar mais um dos meus. Não tem casa! Preciso d'aumentar a nossa com mais um q'artito e uma salita. Eles não têm p'ra onde ir!...*

Mãe e filha seguras do seu papel!
Enquanto o mundo destrói — destrói a Família — no reino dos Simples ainda há lampadários refulgentes. Bendito seja Deus!

PARTILHA — O cheque do assinante 11902, do Fundão, «com abraços amigos» — que retribuimos. Mais um vale de correio — que não falha! — percentagem do seu vencimento com a «amizade de sempre» e «saudações fraternas». Esta licenciada — quadro superior da Função Pública — prega a verdadeira Fraternidade!

Outra presença de sempre: a assinante 1121, de Vila Nova de Gaia, olhos frente ao Barredo que Pai Américo denunciou — continua a denunciar — com o seu carisma de profeta. Os 500\$00 desta Amiga são «pequena ajuda por alma do nosso Pai». Como ele, no Céu, rejubila nesta precissão!

Mais notícias do Porto — que não podemos esconder — grito d'alma do assinante 32986:

«Junto um cheque, metade do qual destinado à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa.

Neste momento recorro com profunda emoção dois Homeus que, há longos anos, já não pertencem a este mundo: Pai Américo e meu próprio Pai — que me ensinou a amar a Obra da Rua.»

São assim as almas grandes!

«*Avó de Sintra*» — bastante doente! — manda «mais um pouco para a «Família do costume», pois não cheguei a enviar na Páscoa». Um testemunho da Ressurreição!

Mais Porto: 500\$00 da assinante 19177, presença de muitos anos — e a continuar para além deles.

Agora, «*Maria do Mar*» — que rico pseudónimo! — traz 1.000\$00 «especialmente para uma Viúva pobre». É um «brado de alerta, um grito que ressoa na consciência». Defendamos as Viúvas!

Lá mais para cima, de Carrazedo de Montenegro, 2.000\$00 duma Anónima, em vale de correio, «para o velhinho que não tem ninguém para tratar deles».

Por fim, um cheque do Carregado para «ajudar minimamente alguém ou alguma coisa que entendam por bem».

Ficamos aqui, sempre confundidos pela generosidade dos nossos Leitores!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

VINHA — Continuam os trabalhos de preparação da nova vinha, em terrenos da mata. Os postes que vão segurar as videiras estão colocados e, dentro em breve, as videiras começarão a germinar.

EXPOSIÇÃO — O Luís Mendes, um neto da Obra da Rua, fará uma Exposição de Pintura, em Penafiel, no Salão Nobre da Assembleia Penafidense, no dia 3 de Maio, e ficará patente ao público até ao dia 11 de Maio.

FUTEBOL — Defrontámos, no dia 20 de Abril, uma equipa de Paredes: o Monte da Póvoa. O encontro foi resolvido logo na primeira parte. Ao intervalo ganhávamos, já, por 5-0.

Na etapa complementar o adversário ainda tentou reagir, mas nós pressionámos e marcámos mais sete golos. A equipa visitante conseguiu o seu golo de honra de penalty, indiscutível. Resultado do encontro: 12-1.

Os mais novos também jogaram, no dia 19 de Abril, com a Juventude Desportiva de Meinedo.

Desta vez, os mais pequenos não desenvolveram o futebol de conjunto que seria de esperar! Para isso, muito contribuiu a equipa adversária, bem organizada sobre o meio-campo e desenvolvendo um futebol de contra-ataque — perigoso para a nossa defesa.

Os visitantes ganharam por 2-0, com inteira justiça.

O nosso Grupo Desportivo tem falta de bolas de futebol!

Se houver algum leitor interessado em oferecer-nos bolas, aqui registamos, antecipadamente, o nosso muito obrigado.

CARPINTARIA — O «Bigodes», que era tipógrafo, mudou para a carpintaria. Disse que queria seguir a arte de carpinteiro e ninguém o contrariou. Esperemos que saiba aproveitar a oportunidade — e que não mude para mais parte nenhuma..., pois já

são horas de saber qual é a sua vocação!

CONGRESSO DA JUVENTUDE — Doze dos nossos rapazes foram ao Congresso da Juventude da Diocese, realizado no Porto. Estiveram perto de oito mil jovens. Nós, que pertencíamos ao concelho de Penafiel, reunimo-nos na Praça da Batalha e, depois, seguimos a pé para o Palácio de Cristal, debaixo de uma grande chuvada. Chegámos lá encharcados! Após os ensaios dos cânticos para a Eucaristia, foi a Santa Missa celebrada pelo Bispo do Porto.

A seguir à Santa Missa houve a festa da juventude em que muitos jovens participaram, executando vários números até à apoteose final. Este encontro de jovens, pela sua simplicidade e organização, foi um êxito. Esteve lá a Rádio e a Televisão que fizeram a cobertura geral do Congresso. Mais um Encontro com Cristo-Jovem, que marcou presença neste Encontro de Paz.

Ludgero Paulo

VIAGEM NUM BOEING DA TAP — Houve um acontecimento inédito em nossa Casa: a TAP — Air Portugal ofereceu aos nossos rapazes uma viagem Porto-Lisboa pela passagem do 20.º aniversário dos Boeing 707.

Partimos de Paço de Sousa às 9h do dia 27 e fomos até Pedras Rubras, de onde saímos cerca das 11 horas. No princípio estávamos ansiosos por saber como era, pois nunca tínhamos feito uma viagem de avião... Uma delícia! Cá de cima víamos tudo através das janelas e as núvens pareciam algodão.

Chegámos a Lisboa e almoçámos na cantina da TAP com todo o requinte. A seguir proporcionaram-nos uma visita a Lisboa. Além do mais, parámos no Castelo de S. Jorge. Cerca das 16h partimos, no Boeing, de regresso a Pedra Rubras; mas a tripulação entendeu fazer uma alteração no plano de voo e *saboreámos* a ponta de Sagres. Que pena não poderemos aterrar! Sobrevoámos, também, a Serra da Estrela, mas não pudemos ver nada. O céu estava coberto de núvens. E chegámos a Pedras Rubras após um hora de viagem.

Foi uma viagem de sonho! E todos os rapazes se portaram bem — com muita dignidade.

Agradecemos a oportunidade que a TAP nos concedeu. E, para alguns, será a primeira e última viagem de avião da sua vida...

José Carlos

Lar de Coimbra

O desemprego é um dos maiores flagelos que atinge a sociedade actual. Estamos a assistir a uma autêntica 3.ª Revolução industrial, em que o homem se torna escravo de si mesmo, tentando competir com uma sociedade imposta por ele próprio!

A máquina, cada vez mais perfeita e poderosa, é capaz de produzir mais e mais, dando menos trabalho a alimentar — com um rendimento em constante ascensão.

Estão abertas inscrições para umas ocupações que fazem parte do pro-

jecto que visa facilitar aos jovens a ocupação dos tempos livres nos períodos de férias. Será? Ou apenas se pretende preencher os quadros na época balnear enquanto os efectivos gozam as suas férias?

É necessário dar verdadeiras chances para que a camada mais jovem tome consciência das suas verdadeiras potencialidades e as ponha a render, lançando-se na construção de um mundo em que terá um papel de relevo na sua manutenção.

Já pouco falta para terminar o período formal das aulas e o reboiço já é grande para as inscrições dos exames que, com muita sorte, poderão dar acesso a um curso superior aos mais «espertos». Pois até os estabelecimentos do ensino universitário estão sobrecarregados, e ainda não há indícios para um eventual alargamento dos mesmos.

Quando se segue um caminho com alguma objectividade, e até mesmo animação, e menos se conta, aparecem afixadas, nas frias paredes, novas leis, cada vez mais complicadas — e a abolição de outras ainda novas!

Cada vez o interesse parece ser maior em travar a caminhada de milhares de jovens que ainda sonham

com um futuro risonho sem preocupações!

Estamos constantemente a ser alvo de informação, através da Imprensa, de mortes e guerras que surgem pelo mundo fora. São actos de vandalismo levados a cabo, na maior parte, por jovens delinquentes. Mas, quem tem a culpa? São eles?

Talvez a sociedade em que estão inseridos não os ajude a viver.

Não passarão muitos dias sem que sejamos informados, através da comunicação social, de testes sucessivos de novas armas, cada vez mais eficazes e potentes no seu poder destruidor, onde se gastam milhares de dólares que resolveriam o problema de muitas sociedades degradadas, em que só se conhece a fome e a miséria! Mas é melhor estar à distância, a ter de tomar contacto directo com estas situações...

Que nasça dentro de cada um de nós, nomeadamente nos mais responsáveis, um desejo forte de renovação e esperança, porque não acreditamos que este mundo deixe de existir apenas por capricho de um ou dois líderes, que, no fundo, têm o mesmo desejo de viver que todos nós sentimos.

João Paulo

NOTAS DA QUINZENA

Cont. da 1.ª pág.

vão carregados de bens materiais. É o vazio e a angústia. Pobres de fé e de esperança.

● A fé é o maior tesouro! «E qual, é o louco que tendo descoberto um tesouro num campo, não vai vender tudo o que possui e comprar esse campo?»

Fico sempre mais triste quando me encontro com irmãos sem fé nem sentido de Vida eterna do que com os pobres de bens! Mesmo maior motivo de dor do que o daquela mãe que, há dias, chorou copiosamente porque seus dois filhos, vencidos pelo vinho e pela droga, esperam a morte. Esta senhora, cheia de fé e esperança no Senhor, não vê já os seus filhos no plano deste mundo — mas na linha de Vida eterna. O Senhor vai ouvi-la.

Só, e unicamente, as alegrias e os prazeres e todos os bens do mundo são motivo de esperança enquanto dão ajuda à nossa caminhada até à Terra Prometida — a Pátria Celeste. Quando não, e somente forem o fim (construção da pátria neste mundo), ficarão areia movediça que nos sorverá os passos e

sugará, pouco a pouco, a nossa fé, alegria e razão de viver.

Somos autênticos peregrinos caminhantes. Escutemos, de coração aberto, os nossos profetas... E a coluna de Fogo brilhará na nossa noite. Libertos de nós mesmos e das coisas, encontraremos o poço que nos matará a sede. Será a posse.

Veremos o Senhor face a face!

Padre Telmo

Associação dos Antigos Gaiatos de Lisboa

Em continuação da nossa Assembleia de 13 de Abril, no Tojal, vamos realizar novo Encontro no dia 25 de Maio, desta vez numa sala gentilmente cedida pela Paróquia da Madalena, em Lisboa.

Aguardem convocatória com indicação do sítio certo.

Cândido Pereira

Barredo

Recordamos que no início das obras de recuperação, o número de habitantes de toda a zona ribeirinha era de cerca de 3000 pessoas agrupadas em 750 famílias. Depois da retirada de 180 da Fonte Taurina para vários bairros camarários e das 300 do Barredo para as Torres do Aleixo, ficaram a residir na zona de intervenção cerca de 1250 pessoas constituindo 276 famílias. Este número final aparece-nos agravado de cerca de 500 pessoas em consequência da ocupação de casas abandonadas por outras tantas que haviam ocupado precipitadamente a segunda Torre do Aleixo — facto que veio a tornar-se fonte de discórdias e de separação de esforços entre as Comissões de Moradores do Barredo e do Aleixo.

Mas não vou demorar-me no relato dos conflitos que surgiram no princípio e ao longo do processo de recuperação do Barredo, os quais têm fundamento na vontade geral de regresso após o restauro, vontade impossível de satisfazer

dado que a zona não comporta, nas condições razoáveis que se pretendem, toda a população que antes a sobre-ocupava.

Porém, duas notas positivas estão contidas nesta dificuldade: o apego das gentes deslocadas para o Aleixo à sua zona de origem; e a intensa intervenção que tiveram na fase inicial da execução do Projecto. Que a necessária e louvável resignação dos deslocados à realidade do regresso impossível para a maioria, não quebre o ânimo para a continuidade da intervenção — valor essencial a não deixar perder enquanto tudo quanto falta para a conclusão do Projecto não for feito.

Ora se, a breve prazo, o Barredo que está recuperado não pode receber mais habitantes, há o lugar da Lada, que foi quase todo demolido quando da construção do túnel rodoviário que liga o tabuleiro inferior da Ponte e a estrada marginal ao Infante e que importa reconstruir conforme ao plano já elaborado pelo

CRUARB. São umas dezenas de famílias que poderão ali refazer o seu lar logo que essa reconstrução for realizada.

E porque ainda não foi? Pela mesma razão porque quase parou em todas as frentes a continuação do Projecto: a falta de verbas. Na verdade são vultuosíssimas as necessárias a tal prossecução. O Comissariado, entretanto, virou um serviço municipal de coordenação, sem a autonomia e os apoios financeiros que pouco duraram; e a Câmara não tem meios para avançar com obra de tamanha envergadura.

Foi no reconhecimento desta fragilidade que o próprio CRUARB sugeriu à Comissão do Barredo que se reorganizasse em Associação de Moradores, formada por gente predominantemente jovem; e, constituindo-se em Cooperativa de Habitação, se desse à tarefa de efectivar o plano de reconstrução da Lada. Naturalmente esta Cooperativa deveria agregar elementos do Bairro do Aleixo, entre os que ainda não abdicam

da sua vontade de regresso ao Barredo, voltando assim a reunir forças que têm estado divorciadas.

Esta força do povo, creio que constitui o grande potencial para que o Projecto de Recuperação da Ribeira-Barredo chegue a bom termo. É a população local (a que está e a que esteve e deseja voltar) a primeira interessada em quebrar a fatalidade de mais umas «capelas imperfeitas» na nossa terra. A perseverança do seu apelo é indispensável para sensibilizar os Poderes públicos quer a nível municipal quer a nível do governo central, a respeito da urgência desta obra. Mas não há que esperar destes Poderes tudo quanto a obra exige, menos ainda a iniciativa de a tirar do ponto-morto em que parece ter caído. Ela será tanto mais possibilitada e válida quanto partir de baixo para cima. E este arranque não apenas expresso por palavras, mas consumado na disponibilidade para a acção.

A constituição pelos naturais da zona de uma Cooperativa desta sorte, que reunisse os

pequenos recursos ao seu alcance (ainda assim alguma coisa de real) e os apresentasse, com a sua grande vontade, aos órgãos do Poder, haveria de ter voz e ser escutada — e contagiaria outras vontades e motivaria outros recursos, tantos quantos os necessários para que a obra se conclua.

A Esperança é uma virtude activa. Há que levantar os braços e assumir trabalhos e dificuldades. E só assim se autoriza a voz de quem reclama — então sim! — os seus direitos.

O fim da recuperação da Ribeira-Barredo (como a das outras zonas degradadas) há-de passar por esta determinação das populações, com direito a um papel activo — e o dever de o desempenharem — no processo da libertação das condições de que ainda são vítimas, contudo bem diferentes para melhor daquelas que Pai Américo conheceu e denunciou.

Que quanto já foi feito seja o penhor do que resta fazer.

Padre Carlos

TRIBUNA DE COIMBRA

Ser feliz...

Cont. da 1.ª pág.

dele uma comunidade de amor; uma comunidade de vida onde o Fernando e o Telmo pudessem ser felizes e não o eram! Porque? Porque o Teu projecto de Matrimónio não é aceite. Só por isso.



António Manuel Lucas (de Miranda do Corvo) e Maria de Fátima

Queremos ser a Casa de Família dos sem-família. Sabemos das limitações. Tantas, tantas...!, mas queremos ser Casa de Família dos sem-família.

O caminho normal dos nossos Rapazes é o Matrimónio. Pai Américo viu o homem à Luz do Plano divino. E, quando diz «fazer de cada Rapaz um homem» — está a pensar no projecto de Deus. Pai Américo não era nem queria ser mais do que o executor desse Plano maravilhoso. E de que maneira!

O caminho normal de felicidade dos nossos rapazes é o do Matrimónio. Eu sei que vibrais quando vedes nas colunas d'O GALATO a fotografia dele e dela. Por regra, a união matrimonial realiza-se na Capela da nossa Aldeia. É sempre dia de Festa!

Ser feliz... Projecto que teve princípio, vai-se fazendo até se consumir onde começou. Ser feliz no Matrimónio passa por um tempo de preparação: o namoro. Não quero ser pessimista ao ver o que vai por aí! Não quero, não! Que os nossos rapazes, que trazem consigo as marcas da história de matrimónios de que foram vítimas, vivam o tempo de namoro quando ele chegar, pensando no Matrimónio, ponto alto de felicidade. A novidade da vida conjugal só pode ser saboreada em plenitude quando a união matrimonial se consumir. Antes não. É desperdiçar. É esvaziar o espaço grande e cheio de vida de família.

Ser feliz... Nesta edição vão fotografias deles e delas. Outras têm aparecido.

Escrevo nas vésperas do casamento do Alexandre e da Emília. O David e a Nanda pensam casar-se em Julho. Outros, depois.

Ser feliz... Só em Matrimónio preparado, celebrado e vivido como o Seu Autor o pensou. Que a Casa do Galato ajude o Fernando e o Telmo a serem felizes!

Padre Manuel António



José António e Fátima Pinho — de Paço de Sousa

■ Este ano não há Festas na zona-centro. É com muita pena que dou esta notícia! Eu sou dos que gostam sempre muito das Festas. Mas, este ano, não há.

A Maria Teresa, da Casa do Castelo, intimou-me, há dias, a dizer às pessoas que não há Festas. Muitos têm ido marcar e procurar bilhetes. De Tomar, um dos donos da casa telefonou a perguntar qual o dia que queremos que nos reservem! E muitos amigos têm procurado, de todo o nosso mundo.

A razão de não haver é só nossa. Os nossos organizadores não organizaram. O Adelino foi para a tropa. O Chiquito-Zé, que trazia o programa elaborado no coração, foi também chamado para a tropa. A Maria Helena, com boa vontade e com pouca saúde, não chega. O Carlos Manuel anda com a coluna torta e cansou de Festas. O João quis um ano de folga. O Guido não se entusiasmou. O Martins é armador e não criador. O Manuel António ainda não encabeçou bem o dedo para a viola. O Tonito, com boa vontade, não consegue tocar tudo. Eu tenho andado à espera e, agora, perdi a esperança! E vós ficais também à espera para o ano, se Deus quiser. Paciência!

■ Estou a escrever em dia de sábado e num lugar de sentinela. O dia acordou chuvoso e com núvens carregadas. Temos de sair de casa e partir para a vida, defendendo-nos da chuva e da preguiça instalada.

Alguns distribuidores d'O GALATO foram para as ruas de Coimbra. Dois, na Rodoviária

Nacional a pagar 600\$00, para a cidade de Tomar. Dois, à boleia, para a cidade de Leiria. Dois, de comboio, para a Figueira da Foz. Por lá vão ficar, bem tratados, em casa de Amigos.

Na minha frente anda um grande grupo a schar a vinha e a cuidar dos batatais. São dezasseis enxadas nas mãos dos mais velhos e vinte e dois pequenos, com duas mãos cada um, a arrancar ervas. É trabalho para hoje, pois nos outros dias há escola e há aulas. Estamos todos ocupados! A ociosidade é fonte de muitos males. A criança tem necessidade de estar ocupada. E nós andamos a cuidar do nosso pão.

Ao chegarem à vinha alguns ficaram desalentados. A geada, de noites seguidas, queimou os rebentos novos das videiras e a raminha da batata que estava a sair da terra. Parece fogo que passou! Agora, já há varas a rebentar de novo e muitas batateiras estão a revestir-se.

O nosso trabalho tem de ser perseverante. Ao nosso cuidado está a sementeira. Deus dá o incremento. Outros poderão vir colher o fruto.

Hoje será um dia duro de trabalho, mas de esperança. Ao fim do dia, sentados à mesa, saborearemos, com alegria, o pão-fruto do nosso trabalho.

Amanhã, domingo, será dia de descanso e de festa. Teremos a alegria de receber, em nossa Casa, muitos Amigos que vêm celebrar e estar connosco. Partilharemos muitos mimos. A vida é feita todos os dias!

Padre Horácio



DOCTRINA

Persistência e impertinência andam sempre de mãos dadas

● As Colónias de Férias batem, de caminho, à porta. Já temos em fabrico um reforço de sessenta camas; e a roupa para elas está sendo preparada por mãos afeitas a fazer o bem, único veneno que mata o mal. As ofertas vêm chegando aos nadinhas — muito alegres e amorosas; e por elas havemos de chegar às culminâncias..., que também as águas do nosso Tejo começam por gotas pequeninas, em terras de Espanha. Nem a gente quer dinheiro; o que nós queremos é bondade, simpatia, e, sobretudo, aquela chispa divina que fazia arder o coração dos discípulos de Emaús quando o Mestre lhes falava — e queima, hoje como dantes, o coração de quem O escuta.

● Todas as dificuldades caem por terra; e as ofertas, por gotas, são caudal de abundância para os gaiatos. Maravilhas do amor!

● E se tu, leitor amigo, pobre como és, te impusesse a tarefa de mendigar de porta em porta o custo duma cama e o entregasses dentro de um envelope, com letreiro: «uma cama»? Levarias, assim, ao seio da gente rica, a verdadeira riqueza: pregavas o Evangelho nas famílias e terias o prazer inenarrável de fazer a cama e de adormecer crianças pobres nas palhas do teu amor!

● O teu trabalho não será inútil nem tu um ignorado aos olhos de Deus para quem todas as obras pequeninas, feitas com amor, são himalayas e as grandezas do mundo abominação! Acredita no que digo. Sê apóstolo! Se te negam a passagem na barca, toma o coração nas mãos e caminha sobre as ondas como Francisco de Paula!

● Chapéus de palha, também necessitamos. Outro caminho aberto ao teu pequenino apostolado. Mendigas um chapéu e abrigas do sol de Agosto a cabeça de um pequenino que vale tanto como as dos filhos de Jorge VI, Rei da Inglaterra, Imperador das Índias e senhor daquela glória que arde como a estopa.

Padre Américo

(Do 1.º vol. Pão dos Pobres)

AQUI LISBOA!

«Conhece-se, perfeitamente, no dar, quem alija coisas por enfado ou quem dá coisas por amor; mas, como é certo que a Caridade tudo suporta, aceita-se tudo em silêncio, chorando muito mais a sorte do rico que não sabe dar, do que a do pobre que precisa de receber.» (Pai Américo)

Acabamos de receber um saco cheio de mantas de lã para distribuir por crianças de tenros anos, feitas por senhora de prolecta idade e de vista já cansada. A delicadeza da oferta e o sacrifício de quem a fez justificam estas linhas.

Em nossas Casas tudo recebemos. Do velho se faz novo. São mobílias, roupas e objectos dos mais variados tipos que chegam intra-muros. Nada se deita fora. Umhas coisas são aproveitadas directamente, enquanto outras são distribuídas por quem precisa ou encaminhadas para quem lhes pode dar mais frutuoso uso. Nas nossas receitas constam verbas oriundas da venda de ferro velho, papel ou trapos usados, que tudo não é demais para

fazer face aos inúmeros encargos do dia-a-dia. Os pobres não se podem dar ao luxo de desperdiçar nada.

Sucede, embora com pouca frequência, que aquilo que nos é oferecido mais não representa do que um alijar de velharia, económico e fácil para quem é ofertante. As vezes telefonamos, solicitando que enviemos logo um carro buscar isto e aquilo, que deitaremos fora, esquecendo as pessoas que não temos uma frota de veículos e que o pessoal é reduzido para satisfazer eficazmente as necessidades comuns. Não raro, quando dizemos não ser possível, nas datas ou prazos indicados, as pessoas ficam como que molestadas.

Felizmente que os nossos Amigos entendem, na generalidade, o viver duma Casa do Gaiato. O cuidado que muitos põem em entregar-nos as coisas devidamente condicionadas é reconfortante. As roupas são lavadas e passadas a ferro, passadas se preciso, dobradas com esmero, e, só depois, entregues. Na verdade, como se cita acima, «conhece-se perfeitamente, no dar, quem alija coisas por enfado ou quem dá coisas por amor».

Somos pobres e queremos ser humildes. Mas também temos dignidade. Quando repartimos do que até nós chega, tudo fazemos para respeitar os Outros, mesmo que não entendam ou a soberba os embote. Que todos saibamos assumir as nossas responsabilidades!

● FESTAS — Os ensaios das Festas continuam a bom termo. Pelo menos é disso que nos apercebemos. Atentos e interessados, como primeiros

responsáveis que somos, deixamos, no entanto, que o Tema «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes» se afirme. A iniciativa, a criatividade e a execução é deles. Daí a importância das Festas e o interesse que elas geram na Comunidade.

Enquanto a actuação em Torres Vedras não se pode ainda confirmar, podemos dizer que esperamos ir a Odivelas, graças ao apoio da Paróquia respectiva. No próximo jornal daremos notícias.

Os bilhetes para a Festa de Lisboa — em 18 de Maio, às 11 h da manhã, no Cinema Império — e a de Loures, a 24 de Maio, às 15,30 h, no Cinema dos Bombeiros Voluntários, encontram-se à venda nos locais que têm vindo a ser apontados: Franco Gravador, R. da Vitória 40, telefone 361406; Montepio Geral (Secretaria) R. do Carmo, 62, 2.º, telefone 372161; Maison Louvre, Rossio 106, telefone 328619; Ourivesaria 13, R. da Palma 13, telefone 861939; Lar do Gaiato, R. Ricardo Espírito Santo, 8-r/c-D.to, telefone 666333.

Não deixem as coisas para a última da hora!

Padre Luiz

SETÚBAL

● FESTAS

À laia de telegrama — que a vida não dá para mais! — aqui têm os Amigos da região de Setúbal o calendário das nossas Festas:

— 30 de Maio, às 21.30 h, no Luísa Tody, SETÚBAL

— 31 de Maio, às 21.30 h, na Sociedade Loureiros, de PALMELA.

— 1 de Junho, às 21.30 h, na Sociedade Quinta do Anjo, QUINTA DO ANJO.

É obra dos Rapazes, pelos Rapazes, para todos os nossos Amigos — num grande convívio.

Não faltes! Marca presença d'alma e coração.

Padre Acílio

Assinante 11864»

CARTAS

«Os livros do Padre Américo têm para mim o maior interesse. São autênticas páginas do Evangelho que nos convidam a meditar para melhor compreendermos o verdadeiro sentido da Obra da Rua e o dever de ajudarmos os nossos Irmãos que precisam de auxílio.

Como desejaria ajudar mais, e muito mais, a fim de que pudessem fazer todo o bem sem tantas preocupações! Porém, só posso contar, como certo, com a pequena pensão de reforma e alguns rendimentos — enquanto as despesas do dia-a-dia aumentam cada vez mais.

Nunca me esqueço da vossa Obra e os pensamentos do Padre Américo são recordados com muito amor.

«Embora os meus 87 anos de idade já vão pesando bastante, como é natural, mais uma vez bato à porta, sempre entregando muito pouco! Ainda pensei que este ano seria um bocadinho mais, mas não pôde ser. Porém, eu sei e sinto que sabem e sentem que este pouquinho é acompanhado duma amizade tão grande como velha e que com esta amizade vai um abraço tão grande como ela; e com o pedido ao Senhor, Nosso Deus, para que Ele vos cubra de graças como de ano a ano — e há tantos! — as vossas palavras me consolam, quando tão pouquinho recebem desta velha assinante 4058.»

«Agradecemos o livro da vossa Editorial. Tem servido de alimento espiritual a meu marido. Eu ou, antes, nós gostamos imenso de tudo o que escreveu Pai Américo. Tem uma maneira de dizer tão simples que todos o entendem e, ao mesmo tempo, tão elevada que queima!

Costumo ter sempre a colecção completa. Se dou um livro, mando vir outro. Agora até os tenho repetidos! Mas este fazia cá falta...

Júlio Mendes

Assinante 37187»

Mais um livro de Pai Américo

CANTINHO DOS RAPAZES

Cont. da 1.ª pág.

na revisão de textos, chorando e rindo, como se estivéssemos, naquele tempo, a ouvi-lo falar como eserevia — sem complicadas filosofias.

Mais do que romagem de saudade (à maneira do mundo), estas horas de acção — no meio da nossa vida trepidante, com o barulho das máquinas e da rapaziada, qual chilrear dos passarinhos na Primavera! — são horas riquíssimas que não somos capazes de transportar para a linguagem corrente, já que a das almas nem sempre é possível expressar à letra, em toda a sua extensão!

Os nossos Amigos preparem-se para a recepção do CANTINHO DOS RAPAZES. Preparem os vossos filhos, sobrinhos, netos, afilhados... Se a hora é dos jovens, se deles é o mundo d'amanhã, semeemos o grão de mostarda — na linha da paternidade consciente, responsável — e deixemos a colheita na Mão de Deus.

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Abril: 59.675 exemplares.

Padre Manuel António